

As representações do humor gráfico lésbico usado nas páginas do ChanaComChana

Kleire Anny Pires de Souza^I

Resumo: Este trabalho pretende analisar as publicações de humor gráfico produzidas por mulheres lésbicas na imprensa alternativa e, a partir disso, compreender as representações sociais dessas publicações. Partir da análise de como humor gráfico as tirinhas e charges. As publicações de humor gráfico surgiram nos jornais como forma educacional e de ativismo. Essas mulheres lésbicas utilizaram desse recurso como uma maneira de instruir, criticar, ou até mesmo mostrar uma realidade vivida na qual outras lésbicas pudessem se identificar. Essas publicações são extremamente relevantes para a memória da resistência lésbica. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de analisar e compreender as representações construídas pelo humor lésbico, na imprensa alternativa homossexual, e pensar a importância das charges como fonte histórica para memória lésbica e historiográfica.

Palavra-chave: Humor gráfico; Lésbicas; Imprensa Alternativa.

The Representations and the use of graphic humor in the pages of Chanacomchana

Abstract: This work aims to analyze the graphic humor publications produced by lesbian women in the alternative press and, from this, understand the social representations of these publications. From the analysis of how graphic humor strips and cartoons. Graphic humor publications appeared in newspapers as an educational form. These lesbian women used this resource to instruct, instruct, or even show a lived reality in which other lesbians could identify. These publications are extremely relevant to the memory of lesbian resistance. Therefore, this work aims to analyze and understand the representations constructed by lesbian humor and think about the importance of cartoons as a historical source for lesbian and historiographic memory.

Keywords: Graphic Humor; Lesbians; Alternative Press.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Em janeiro de 1981, saiu a primeira edição do que viria a ser um dos mais proeminentes e populares jornais alternativos lésbicos da década, o *ChanaComChana*. Com esse nome provocativo e espalhafatoso, o grupo Lésbico-Feminista (LF) lançava sua edição n.1, ainda em formato de jornal. A retomada das publicações deu-se por parte de outro grupo de mulheres lésbicas organizadas dissidentes do antigo (LF). As editoras Miriam Martinho e Rosely Roth deram continuidade ao nome com outra publicação, agora como boletim e sob comando de outro grupo, o chamado Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF). As 12 edições, publicadas entre os anos de 1981 e 1987, tinham como objetivos falar sobre vivências e questões pertinentes às mulheres que se entendiam como homossexuais. O boletim circulou primeiramente de forma simplória por seus círculos sociais, entretanto, com o passar das edições, ganhou circulação e reconhecimento nacional, furando o eixo de espacialidade em que se encontrava no chamado eixo Rio-São Paulo/SP.

O *ChanaComChana*, em sua edição número um, organizado pelo (LF), retornaria quase de maneira imperceptível em relação às alterações de editoração, tomando forma de um boletim em estilo tabloide, inaugurando agora algo inédito: o humor gráfico. O humor gráfico, dialogando com o autor Jorge Mtanios Iskandar Arbach^{II}, como um gênero jornalístico, cabendo assim a possibilidade de analisar o humor em duas de suas classificações, no caso, as produções chargísticas e de tirinhas presentes nas publicações. Neste caso de análise, será contemplado o caso do boletim da imprensa homossexual *ChanaComChana* publicado em 1981 e 1987 e algumas edições de outro jornal homossexual intitulado *Lampião da Esquina*. A partir disso, podemos entender e analisar os discursos e as representações presentes nessas produções, e de que forma essas representações refletiam sobre as ideologias presentes no boletim e nas editoras que produziam para ele.

As características mais comuns encontradas na união dos dois gêneros aqui entendidos como humor gráfico são: a distorção, a animalização e a satirização, tudo isso como um meio do que Roger Chartier^{III} conceituou como *representação*. Segundo ele, as representações são ferramentas utilizadas pelos indivíduos para a percepção do mundo social, ou seja, os indivíduos utilizam diversas ferramentas para compreender o mundo social. Sendo as representações parte importante do discurso. A partir dessa noção, podemos pensar que o humor gráfico é uma forma

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

de representação escolhida por um grupo específico para transpor sua dimensão, sua percepção do mundo social. Afinal, essas percepções jamais são neutras e carregam consigo partes da realidade cultural do grupo; criando, assim, uma luta de representações, travada no mundo social, utilizando o humor como ferramenta de combate de possíveis representações negativas a respeito de mulheres lésbicas no imaginário social.

Entre a charge e a tirinha, principalmente analisando as publicações do *ChanaComChana*, podemos encontrar elementos em comum como a satirização, a representação de uma temporalidade ou de um entendimento comum a um grupo de indivíduos. O uso da linguagem, os temas, o acompanhamento editorial e o caráter pedagógico utilizado muitas vezes como ferramenta jornalística na imprensa. Criando representações e subcategorias dentro dessa perspectiva.

A imprensa alternativa no Brasil surge vinculada politicamente a uma causa emancipatória e a uma cultura política na qual gera necessidade de ampliação da imprensa. Nesse sentido, o contexto de publicação desse humor gráfico se dá após o golpe militar de 1964, levando o Brasil a entrar em uma onda de autoritarismo e, como menciona Renan Quinalha^{IV}, evocação de uma suposta moral cristã, com o apoio de muitos segmentos religiosos. Isso cria um forte apelo à salvaguarda de uma moral ideológica, que tinha como intuito proteger a família cristã e a moral como também a pátria da subversão política, de agentes perversos como classifica o regime. Os homossexuais eram ferramentas importantes desse inimigo para perverter a moralidade e o que era considerado “correto”; segundo a visão militar, os homossexuais eram uma ferramenta do comunismo para destruir a família e perverter a juventude, como menciona Brito^V, principalmente as mulheres. Ao terem acesso à universidade, estariam de frente para um “mal”, como no caso das pílulas contraceptivas e teorias feministas.

A proposta desse trabalho é compreender as representações do mundo social de mulheres lésbicas no contexto da ditadura militar no Brasil. Para isso, utiliza como fonte o humor gráfico publicado pelo boletim *ChanaComChana*, produzido primeiramente pelo *Grupo Lésbico Feminista* (LF) e posteriormente o *Grupo de Ação Lésbico Feminista* (GALF), entre 1981 e 1987. A partir dessas compreensões das representações presentes nesse humor gráfico, visa pensar a construção das narrativas desses grupos acerca de sua realidade durante o regime militar e as publicações alternativas homossexuais.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

As fontes utilizadas nesse trabalho foram obtidas através do site CIGES, do Grupo de pesquisa ciência, saúde, gênero e sentimento, que mantém vínculos com o *Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA*, que disponibiliza o boletim *ChanaComChana* digitalizado em seu site. Ao passo que a escolha do tema, também vem vinculado ao interesse antigo sobre narrativas invisibilizadas historicamente, como lesbianidade, e que por muito tempo foi ignorada e até mesmo silenciada. Perante isso, o interesse de analisar esse humor gráfico surge também com a ideia de que as representações produzidas graficamente são importantes fontes para a historiografia, pois, são produtos de uma temporalidade e podem ser importantes vestígios sobre ela; demonstrando a complexibilidade do humor e do seu uso, suas variações e escalas conforme a necessidade dos agentes e de sua espacialidade e temporalidade.

Humor gráfico e representações

Representar, segundo o dicionário de Língua Portuguesa, é “Mostrar claramente: representar uma ideia, um conceito; reproduzir a imagem de; retratar, refletir: representar a natureza.”^{VI}. Para além da concepção linguística, representar também permeou outros campos além da linguagem; o historiador e pesquisador Roger Chartier^{VII}, em uma análise profunda dessa questão, nos explicou que representar, para a discussão histórica, é uma forma de compreender o mundo social e de que forma ele é construído, seja a partir de símbolos, ou de outros usos encontrados pelos seres humanos. Dentro dessa perspectiva conceitual do autor, as representações sempre seguem a lógica dos interesses dos grupos que as formam, não havendo a possibilidade de neutralidade.

Representar é uma forma que temos de tornar o passado presente, e, dentro dessa ideia de representar, encontramos ferramentas para assim fazer, principalmente através do uso da linguagem, construindo, a partir da representação, uma narrativa. Como no caso deste trabalho, no qual as representações que irão ser analisadas serão pensadas através do uso do humor gráfico nas páginas da imprensa alternativa. Afinal, o passado só se torna presente quando é representado e quando essa representação deixa vestígios que possibilitem a sua investigação.

As charges e as tirinhas, apesar das suas aproximações, contêm suas características próprias. O historiador Gawryszewski aponta que “Na verdade, a caricatura (ou charge) pode

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

expressar sua ideia indo além do desenho de um simples personagem. Ela pode desnudar, descobrir, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação.”^{VIII} Ela pode ser política, ou não, normalmente acompanha editoriais, sendo produtos do tempo no qual elas são produzidas, pertencendo o entendimento aquela temporalidade; “muitas vezes o/a leitor/a deve estar imerso no tempo da narrativa ou recuperar os dados históricos do período retratado para compreender a crítica presente na charge”^{IX}

As tirinhas, por sua vez, apostam mais na linguagem do que na imagem. Normalmente, o humor vem do uso da linguagem; diferente da charge, a imagem muitas vezes não há distorção, ou sátira na iconografia e sim na linguagem. “a tirinha tem como característica seu formato retangular com pequenos textos que seguem um roteiro com quadros sequenciais.”^XConstituindo fortes ferramentas de uso político, tanto de imagem como linguagem, também se tornam uma rica fonte de compreensão temporal, política, e contextual de uma realidade.

As charges e tirinhas também são muito atribuídas a usos políticos, a partir do humor que faz refletir. Humor que “não tem graça nenhuma”, no intuito de tornar cômica uma situação que, na realidade, é desagradável ou tem algum alerta. Caindo em uma categoria de humor, as charges e tirinhas consideram o humor reflexivo uma forma de crítica, que, como aqui compreendido, é possível também ser entendido como um gênero jornalístico. Essa lógica de pensar o humor gráfico como gênero jornalístico é uma ideia muito contundente presente na análise da linguagem discursiva presente nos jornais, principalmente quando se leva em consideração as particularidades dos impressos. No caso da imprensa alternativa, ela por si só já se diferencia da imprensa “oficial”, pois surgiu, segundo Kucinski^{XI}, como uma ‘alternativa’ às mídias convencionais. No período da repressão militar que o país vivenciou a partir de 1964, estas eram rigorosamente censuradas por órgãos do estado.

As próprias categorias da imprensa alternativa se distinguem por si só, apenas de ser algo homogêneo no sentido de alternativa à mídia convencional; ela também é particular quando pensando suas temáticas e espacialidade, até mesmo seus usos. Veículos da imprensa homossexual alternativa, diferentes da imprensa alternativa da primeira geração, assim divididas por Kucinski^{XII}, têm característica mais marcantes, como a modernização dos impressos, a mudança temática como no caso do maior aparecimento de temas como a prostituição, o prazer, a

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

sexualidade e até mesmo o distanciamento das discussões de classe comumente vistas em outros jornais da imprensa alternativa. Sendo relevante também, pensar os períodos de publicação de se sucedem a instauração do AI-5, conhecido também como o “golpe dentro do golpe”, que leva uma particularidade na questão da repressão aos ‘subversivos’, como no caso da imprensa homossexual.

O humor gráfico nesse sentido, além de gênero jornalístico, pode ser concebido como uma ferramenta político-pedagógica de emancipação; afinal, o seu uso de representações é importante a ser pensado como um produto de uma temporalidade que se desdobra geracionalmente, utilizando recursos visuais, e linguísticos que remetem a sujeitos que vivenciaram múltiplas temporalidades e conseguem compreender as representações empenhadas na construção desse humor. Por exemplo, é muito notório o uso de imagem ao fim de editoriais, como uma forma pedagógica de compreensão de um texto mais denso, entretanto, esse humor gráfico por si só consegue facilmente informar o leitor do que quer ser expressado apenas por seu uso, não sendo ele mero coadjuvante dos editoriais.

O pesquisador Paulo Ramos^{XIII} aponta que esse tipo de arte é muito utilizado nesse sentido como algo do contexto, fruto da temporalidade de sua produção, algo que está presente na vida cotidiana de quem lê, ou seja, uma representação temporal. No caso do *ChanaComChana*, esse atributo é muito utilizado pelas mulheres lésbicas que o produziram para denunciar e questionar questões problemática através do humor. Principalmente vivências em torno do ‘ser’ lésbica e acontecimentos da vida cotidiana de seu grupo. O humor se insere nessa lógica com a categoria explicativa muitas vezes, ou questionadora. Dialogando com os autores que pensam essa questão, podemos entender que o humor utilizado nas páginas do *ChanaComChana* pode ser considerado um humor explicativo justamente por seguir essa lógica de classificação como gênero jornalístico, por conta do caráter pedagógico que o boletim se construía.

Humor feminista, agora podemos rir?

O uso do humor na imprensa alternativa, principalmente a imprensa alternativa feminista, vem de uma trajetória de resistência. A América Latina foi precursora do uso do humor como ferramenta de combate a repressões, principalmente às mulheres associadas à imprensa feminista. A pesquisadora Cintia Lima Crescêncio^{XIV} destaca que “As feministas da segunda metade do século XX também exploraram o humor. Sob as amarras das ditaduras, mulheres feministas do

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Cone Sul fizeram do humor e do riso uma arma de intervenção e luta.” Essa luta chegou ao Brasil graças aos militantes clandestinas e às redes construídas pelas mulheres na América Latina, não só como um combate à repressão através do riso, mas também em resposta a uma imprensa alternativa machista.

Essa trajetória também passou por muitas reavaliações, uma vez que o uso do humor na imprensa também foi uma ferramenta antifeminista. Apesar da ideia do humor como ferramenta política contra a ditadura, a imprensa alternativa dominada por homens usou e abusou do humor como ferramenta de propaganda contra as feministas, cuja luta ficava cada vez mais evidente no contexto ditatorial brasileiro. Esse humor só foi desconstruído graças aos jornais da imprensa alternativa criado por mulheres.

O humor, como ferramenta antifeminista, é uma alternativa muito usada por homens para impedir o avanço das ideias e teorias que pregam a emancipação feminina. “Contra essas mulheres, as temidas “feministas”, lançavam seus dardos inúmeros articulistas de O Pasquim. Antigos estereótipos são restaurados, entre outros, a feiura, a menor inteligência”^{XV}

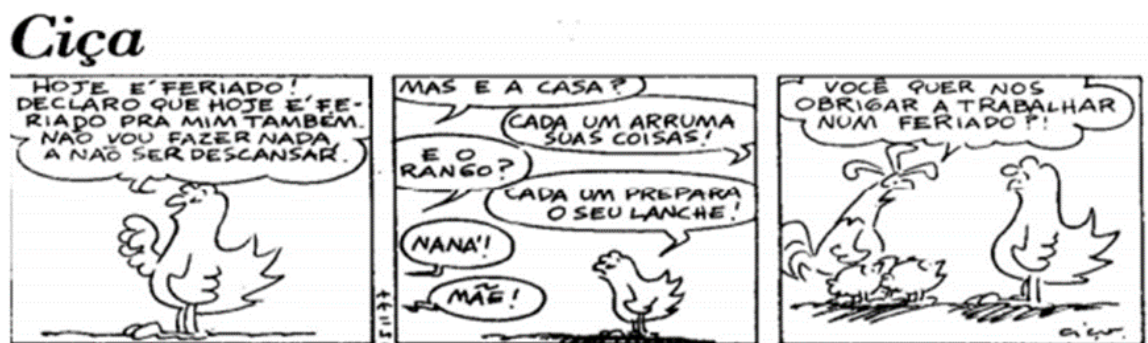
A questão da lesbianidade não passou batido também a essas associações de ridicularização, a dificuldade já encontrada pelas lésbicas a adentrarem o movimento feminista era ainda mais dificultada pela questão da classe. Os rapazes revolucionários utilizavam muito a lesbianidade como uma carga negativa as feministas, dando a entender sempre que a maioria delas eram lésbicas por serem feias e mal-amadas, ressaltando que nenhum homem queria ficar com essas mulheres, afinal, elas eram feministas. No Brasil, os principais jornais da causa “alternativa” utilizaram essa ferramenta como deboche e até mesmo ridicularização - até mesmo de companheiras que lutavam ao seu lado. O Pasquim, o jornal mais popular dessa imprensa contra hegemônica, era o que mais relacionava a imagem feminista a zombarias e estereótipos.^{XVI}

O feminismo era visto como uma aberração tanto pelos homens de direita quanto pelos homens de esquerda; a exclusão das mulheres lésbicas das pautas era muito comum. O humor foi uma questão importante para a emancipação feminista e de mulheres lésbicas, funcionando como uma forma de ressignificar representações construídas pelo *O Pasquim*: de que lésbicas eram feministas mal-amadas, que se tornaram lésbicas apenas por serem feias e não conquistarem um homem.^{XVII}

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

No Brasil, os primeiros jornais a seguirem essa trajetória do riso como instrumento político, contrariando a ideia da zombaria antifeminista e divulgando sua causa, foram os jornais *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres*, e o *Mulherio*. Apesar da não inclusão da discussão acerca da lesbianidade, isso instigou as lésbicas a fundarem seu próprio boletim, que abarcasse suas vivências e realidade e, acima de tudo, que fosse inteiramente produzido por elas mesmas. Exemplos como a imagem 1 destacam o tipo de humor utilizado, ironizando a questão da invisibilidade do trabalho feminino e sua dupla até mesmo tripla jornada. A publicação do *Mulherio* em 1981 destacava a condição de trabalho invisível da mulher no ambiente doméstico.

Imagem 1 - Ciga e o feriado.



Fonte: Bia Sábia, *Feriado*, *Ciga*, *Mulherio*, nº 0, 1981.

As publicações sempre giravam em torno de editoriais e críticas, principalmente a questão do trabalho feminino. Como mencionado, a questão da sexualidade era pouco vista; regime ditatorial, a moralidade levava à construção de tabus em torno do prazer, de temas sobre sexualidade e outras causas. As charges e o humor eram muito voltados para a condição econômica, social, geralmente atreladas a questões de classe e raça.

Como destacou Edward Macrae^{XVIII}, apesar da união e aproximação dos homossexuais a grupos feministas, a questão da sexualidade ainda era um tema custoso ao movimento feminista, em função de preconceitos do meio em relação as sexualidades dissidentes. O feminismo é um movimento político cuja origem está atrelada a grupos de esquerda. No Brasil, não foi diferente; essa ligação permaneceu como ponto sensível na discussão do tema.

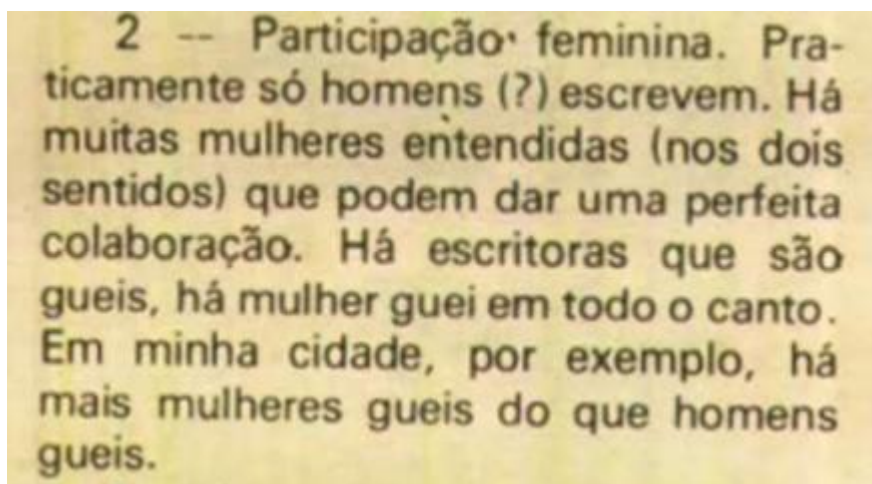
As principais mulheres envolvidas com o desenvolvimento da consciência feminista no Brasil durante o início do regime militar foram militantes de guerrilhas armadas ligada a grupos

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

de esquerda. Destacam-se militantes clandestinas e mulheres da sociedade civil ligadas a movimentos contrários ao regime militar. O receio em abordar questões ligadas a tabus morais também existia devido a questões políticas; afinal, a esquerda também fazia parte de uma sociedade forjada com raízes patriarcais, como menciona em entrevista a ativista e militante lésbica do período Marisa Fernandes^{XIX}.

O Lampião da esquina, apesar de se colocar como um jornal voltado para o público homossexual, somente após 4 edições cedeu espaço para a colaboração lésbica. As mulheres lésbicas foram convidadas pela primeira vez a construir suas próprias discussões após cobrança por espaço vindo da sessão de cartas, a titulação descrita como cartas anônimas, destaca a cobrança ao jornal. Provocando: “praticamente só homens (?) escrevem.” ‘há muitas mulheres entendidas que podem dar uma perfeita colaboração”

Imagem 2 - Anônima



Fonte: Boletim Lampião da Esquina. ed. 1. maio-junho. 1978. Pg. 15

O Lampião teve sua primeira charge abordando o amor entre mulheres como demonstra a imagem 1, na edição 4 de agosto-setembro de 1978. A tira acompanhava um editorial “Mulheres: O mito do prazer” apresentando, em sua parte inferior final, a tira.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Imagem 3 - amantes



Fonte: Boletim Lampião da Esquina. ed. 4. agosto-setembro 1978. Pg. 12

A artista não tem menção no jornal, apenas contamos com sua assinatura. Essa charge demonstra bem o uso político através do humor, cabendo dizer ‘não tem graça nenhuma’. Podemos ver claramente duas mulheres nuas na cama, acredita-se que são amantes, uma encara a outra com uma face séria, enquanto tampa o microfone do telefone e logo abaixo podemos ver a fala da personagem que segura o telefone “ih, são meus pais. Depressa, me ajuda a encontrar alguma coisa heterossexual para dizer!” Ou seja, isso só demonstra e clarifica que são ambas mulheres e amantes. Diante da face da heterossexualidade compulsória que sondava o imaginário popular.

Como toda charge é produto do seu tempo, é interessante analisar os anos de publicação dessa charge. O contexto desse humor lésbico como forma política é de um contexto de repressão militar. O golpe instaurado no Brasil em 1964 perdurou até 1985, apesar de 1978 já estar enquadrado como anos mais brandos do Regime militar, a repressão moral ainda existia. Os crimes contra a moral também são face da violência do lesbo-ódio que mulheres lésbicas enfrentam no seu dia a dia.

A questão que a charge comenta sobre buscar ‘algo heterossexual para dizer’ é também uma forma de ironizar a crença da heterossexualidade total, como norma imposta, como

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

demonstra Adrienne Rich^{XX} destacando que a heterossexualidade é um regime compulsório, que persegue mulheres lésbicas, e usa da violência para coercitivamente corrigir as sexualidades desviantes.

O Regime militar foi um dos períodos mais cruéis e de perseguição a homossexuais, como comenta os autores James Green e Ronald Polito^{XXI}. A normalização daquilo que não fazia parte da norma, a heterossexual se tornava um alvo e levava até mesmo em internações em manicômios como método de busca de uma suposta ‘cura’ ou o afastamento da sociedade civil, como expos James Green^{XXII}.

A representação da lesbianidade neste contexto era o mesmo que O Pasquim promovia, o imaginário popular era sondado pela visão da anormalidade, como não-seres, desviantes. Sempre atrelado a mulheres mal-amadas, feias, que não encontraram um homem que queira as amar, colocando sua sexualidade não como uma escolha, mas sim como uma doença, ou um trauma fruto de uma recusa, rejeição afetiva.

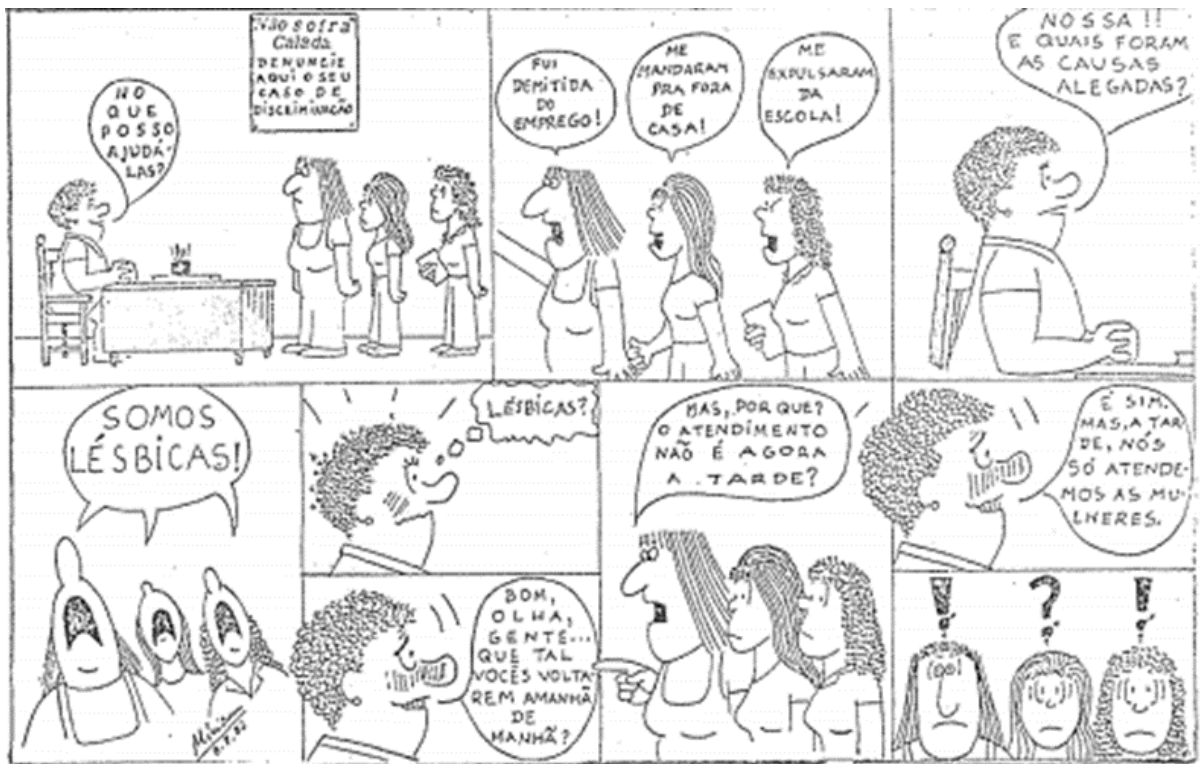
Após esse espaço conquistado por elas no Lampião da Esquina, é possível ver a existência de um público lésbico. Em 1981, as mulheres lésbicas finalmente publicaram sua primeira edição através do grupo Lésbico-Feminista (LF), sendo continuado pelo Grupo Ação Lésbico-Feminista (GALF). O boletim começou a partir de um jornal distribuído no antigo Ferro’s Bar, local muito famoso de encontro de lésbicas em São Paulo. Circulou de 1981 até 1987; logo em suas primeiras publicações já apresentava humor gráfico, como charges e tirinhas. Diferente da trajetória dos jornais feministas, o Chanacomchana tinha o foco em representar mulheres lésbicas, seu contexto político e vivência cotidiana. A autora Júlia Glaciela da Silva Olivera destaca a intencionalidade por trás:

no Chanacomchana nos deparamos com charges e cartuns que trazem um humor mais “ácido”, a fim de estender visibilidade não apenas a existência das mulheres homossexuais, mas também às distintas opressões presentes em seus cotidianos.^{XXIII}

Logo em suas primeiras edições, contava com uma tirinha que abordava a questão de violência contra a mulher lésbica, onde não eram reconhecidas como mulheres e suas denúncias não eram ouvidas como caso de “discriminação”, como demonstra a imagem 2.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Imagem 4 - direitos



Fonte: Boletim ChanaComChana. ed. 1. dez. 1982.

A tirinha da imagem 2 acompanhava um editorial intitulado “O Lesbianismo é um barato” na qual as escritoras abordavam o “preço” a ser pago por essa vivência. Como pontuam elas mesmas no texto “O lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente paga pra curtir esse barato. Toda mulher lésbica que já se viu forçada a sentir vergonha por amar outra mulher sabe bem disso.”^{XXIV}

Essa tirinha é um exemplo dos usos do humor gráfico como forma de educação política, e de facilitação da mensagem que é transmitida, valendo o grafismo por si só como uma matéria jornalística. Apesar das variações existentes dentro da classe humor gráfica, as mais comuns encontradas nos periódicos da imprensa alternativa na década de 70 e 80 são as charges e as tirinhas políticas. March Bloch^{XXV} pontuou que tudo que há vestígio da humanidade é histórico, isso não seria diferente com o humor e o riso, eles são partes da trajetória da humanidade. Portanto, da história, principalmente no que diz respeito à compreensão de sociedades e culturas ao longo da trajetória temporal, como destaca a pesquisadora Cintia Lima Crescêncio “A partir desta abordagem, tanto o humor quanto o riso afirmam-se como fenômenos ricos e

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

fundamentais para os estudos históricos e interdisciplinares, uma vez que eles suscitam hipóteses e análises únicas.”^{XXVI}

O Boletim ChanaComChana, pela primeira vez na história da imprensa alternativa, inaugurou um novo momento dentro da questão feminista, abordando temas antes nunca vistos em outros jornais feministas. A pesquisadora Lessa demonstra que o folhetim foi precursor em temas sobre sexualidade, desejo, prazer e, até mesmo, de resistência. As lésbicas nunca foram bem-vindas no movimento feminista que se expandia no Brasil, como aponta a ativista Marisa Fernandes, em entrevista na PUC-SP. Através do canal no Youtube da Comissão da Verdade, a professora e militante do primeiro grupo ativista lesbofeminista^{XXVII} mostra como a inclusão de temas sobre lesbianidade enfrentaram resistências para se introduzir no debate brasileiro da época:

Então nós tivemos muita dificuldade enquanto mulheres lésbicas de adentrar o movimento feminista. Isso se deu quando fomos participar ‘da’ já como lésbicas organizadas dentro do SOMOS, nós criamos um grupo chamado ‘lesbico-feminista’ e fomos adentrar a coordenação do segundo encontro da mulher paulista que se daria no dia 7-8 de março, dentro dessa coordenação [...] ela não foi nada bem aceita, porque? Porque pela primeira vez nos colocávamos a questão da sexualidade da mulher, da importância de um congresso da mulher paulista começar a discutir isso, às mulheres precisavam falar delas mesmas, do corpo delas, do desejo, do prazer delas de como isso se dava para além da luta por liberdade, direito a creche e de todas as outras verdades e necessidades que as mulheres vivem em seu cotidiano, mas os grupos feministas receavam que a nossa presença ali, lésbicas, pudesse afugentar as mulheres das periferias e mesmo comprometer a representatividade do movimento feminista.^{XXVIII}

O boletim foi uma forma de as mulheres lésbicas reivindicarem seu espaço, falarem das suas dores, das suas vivências e de suas alegrias e entrarem no embate das chamadas lutas de representações existentes no mundo social. Ao abordar a resistência da memória dos excluídos da história, podemos analisar quem produziu ou quem excluiu determinadas coisas da história. A exclusão nunca é obra de um acaso ou de um esquecimento, pois, no trabalho científico da metodologia historiográfica, só há espaço para os esquecidos se isso for um projeto ideológico. A história é poder, poder de escolher as narrativas que serão ensinadas, que serão postas no inconsciente coletivo. Walter Benjamin^{XXIX} nos lembra que a história é produzida pelos vencedores; logo, as narrativas de conhecimento público são aquelas escolhidas pelos detentores do poder.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Significa dizer que, se é uma expressão política específica, é fruto de um tempo e das ideias de quem as produziu inseridas em determinada temporalidade. Na noção do recorte dos boletins, as charges e tirinhas acompanhavam os editoriais e abordavam as temáticas expressas no boletim, colaborando para a facilitação da compreensão por meio da arte, pois ela é muito mais do que um desenho feito para provocar o riso. Ou seja, nos editoriais da imprensa alternativa, o humor gráfico foi uma ferramenta poderosa utilizada para levar ideias, expressar opiniões e construir a reflexão sobre um tema relevante do momento, a partir de um humor ácido - como na imagem apresentada a seguir.

O próprio nome do jornal já era um escândalo. A palavra ‘chana’ era transgressora em muitos sentidos além do seu efeito primário. Seu significado ia além de uma palavra popular para designar a vagina, era em si um ato revolucionário, como desta as produtoras:

A palavra Chana não pode ser sumariamente definida como “órgão sexual feminino”. É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como “CHANCE”, para alguns como “CHANCA” (pé grande – sapatão?), e para outros como “CHAMA”. O importante é isentar-se das conotações. [...] Voltando ao nosso papel com tinta, sabemos que CHANACOMCHANA é um sopro, mas há horas em que um sopro pode representar tudo, inclusive a vida. E a vida é negra, é prostituta, é homossexual, e mulher, e amamos todas estas suas facetas politicamente minoritárias

O *ChanaComChana* foi uma forma de as mulheres entendidas se emanciparem enquanto uma causa real, uma causa com sentido, com luta, com dores e com muita resistência. Utilizando vários meios simbólicos, como descarados, para se elevarem como partes da história. O humor gráfico, como pontuam os pesquisadores Larissa Martins, Marcio Caetano, Keith Braga e Paulo Junior, “através do humor e da ironia, o GALF buscava desmistificar assuntos considerados como tabus. Assim, através das subjetividades presentes nessas imagens, ressignificam-se os conhecimentos que circulavam no imaginário de sociabilidades sobre as lesbianidades.”^{xxx} Ressignificar e transgredir foram os métodos utilizados por elas para abandonarem um inconsciente coletivo, que não lhes dava o direito à existência.

A própria palavra “lésbica”, “sapatão” e suas derivações foram muito utilizadas nas tirinhas como uma forma de existir, uma vez que elas eram ‘entendidas’ e não lésbicas. Apesar de o termo ‘lésbica’ ficar conhecido de forma não marginalizadora no começo dos anos 2000, como aponta as pesquisadoras Binah Ire, Camila Silva e Maria Helena Lenzi em seu texto “Ser Lésbica na ditadura: vida e militância sob estado de exceção”:

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

Imagem 6 - Ser ou não ser



Fonte: Boletim ChanaComChana, ed. 5, 1984.

Imagem 7 - enrustir?



Fonte: Boletim ChanaComChana, ed. 07, 1985.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

A importância do humor gráfico se manifesta dessa maneira atemporal, em que os problemas de alguns anos atrás continuam se desdobrando pela história. As imagens citadas anteriormente (Imagens 3,4,5) são artes produzidas em um momento específico, em um contexto produto de um tempo; porém, são temas que até hoje atingem as mulheres lésbicas.

A história é passível de reescrita, porém a história também demonstra os sintomas de violências que nunca receberam justiça e passam a ser normalizadas, atravessando a temporalidade e se mantendo viva como uma ferida que nunca para de sangrar. Encarar a história do tempo presente é um fator político, visto que o local do historiador na produção dela é um local social político.

A produção da charge leva a essa mesma discussão visto que, se o artista é inserido no tempo de produção da charge, tanto ele quanto o historiador fazem algo político, a partir do seu meio. A importância da produção historiográfica de agentes do seu tempo é relevante para a historiografia, apesar de a história do tempo presente ser uma história que nos faz refletir com nossos próprios erros, também nos ensina a ver os desdobramentos do meio social na qual estamos inseridos.

Nesse sentido, refletir sobre o uso de charges como fonte para a construção de uma memória é parte da produção do presente. A temporalidade da charge é sempre visível e o seu local social de produção também. É relevante na compreensão dessa história, sempre inacabada proposta pela história do tempo presente, refletir os desdobramentos que as fontes têm. A história nessa perspectiva é sempre reescrita e local muito importante para a inserção da memória. História e memória é uma discussão muito já construída diante a historiografia. Jacques Le Goff^{xxxii} há tempos já construía suas considerações sobre elas serem necessárias uma para outra, porém não necessariamente uma parte da outra.

A partir desses meios de preservação da memória da resistência, é criado a produção de ancestralidade. Não necessariamente ligadas consanguineamente, mas sim, ligadas por um elo forte que nunca se rompe: o elo da vontade de viver e de poder amar outra mulher - sendo mulher. Esse trabalho de ancestralidade colabora para que a memória se mantenha viva. A memória foi constituída através de memória e reproduzida por várias mulheres lésbicas ao longo da história para que hoje pudéssemos ter conhecimento da existência do amor entre duas

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

mulheres. O boletim da imprensa alternativa *ChanaComChana* é um marco da produção dessa memória e, por isso, se torna uma valiosa fonte para a historiografia. *ChanaComChana* representa um vestígio da passagem dessas mulheres no tempo, a passagem do seu amor e da sua luta.

É interessante frisar que a memória precisa de mecanismos, além do indivíduo, para manter-se, seja através da produção ou reprodução de uma fala, de uma imagem, ou de algum vestígio que prove sua existência. O século XX é um colaborador para a preservação de memória no sentido da tecnologia e teoria que possibilita a aceitação da expansão do que é a fonte e da preservação. A virada linguística, a Nova História, a História Pública e a tecnologia de gravação, recuperação e reprodução contribuíram muito para que essas mulheres que foram relegadas à margem da sociedade pudessem ser resgatadas, seja através das suas descendentes ou por interesses nos quais essas mulheres eram agentes.

Considerações Finais

Este trabalho teve o intuito de demonstrar a relevância do humor para a memória lésbica. Buscou demonstrar a importância da produção própria para falar das dores e dos amores que é ser você mesmo e viver sua realidade - principalmente quando sua realidade é motivo de ódio social. O uso do humor foi uma importante ferramenta contra o ódio e resistência ao projeto de exclusão da existência da história. “O riso compensa, em seus efeitos, o dispêndio contínuo de energia, exigido para manter as proibições que a sociedade impõe e os indivíduos internalizam.”^{XXXIII} O riso faz uso da linguagem como uma forma ideológica de resistência, e essa utilização foi um meio encontrado para a organização de lésbicas frente as publicações desse humor gráfico nas décadas de 70 e 80.

Dessa forma, a memória é uma forma de expandir à cidadania, enfrentamento e direito à existência perante a história, pois o lesbianismo não é algo de agora como é comum do imaginário popular; porém, essa constatação só é feita pela ausência das lésbicas na história. Este artigo buscou elucidar que essas mulheres produziram sua história e resistência utilizando ferramentas diversas para assim fazerem sua memória.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO CHANACOMCHANA

SOUZA, K. A. P.

Notas

^I Mestranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: kkleire@gmail.com

^{II} ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. 2007. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-22072009-182433. Acesso em: 2022-09-28.

^{III} CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

^{IV} QUINALHA, Renan. **CONTRA A MORAL E OS BONS COSTUMES: a ditadura e a repressão á comunidade lgbt. 1ºED**. Companhia das Letras, 2021.

^V BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. *Varia Historia*, v. 36, p. 859-888, 2020.

^{VI} Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/representar/>

^{VII} Idem.ⁱⁱ

^{VIII} GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. In: Revista Domínios da Imagem, número 02, maio de 2008, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

^{IX} Idem.

^X MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais**. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 50-75, mai./ago. 2020.

^{XI} KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa**. Editora Scritta. 1991.

^{XII} Idem.

^{XIII} RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, 2009.

^{XIV} CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **ANTIFEMINISMO E RESSENTIMENTO: AS MULHERES NO O PASQUIM**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

^{XV} SOIHET, Rachel. **Zombaria como arma antifeminista: instrumento antifeminista: instrumento conservador entre liber vador entre liber vador entre libertários**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005

^{XVI} Idem.^{xvi}

^{XVII} Idem.^{xvii}

^{XVIII} MACRAE, Edward. **A construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura"**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

^{XIX} FERNANDES, Marisa. **Ditadura e Homossexualidade: Marisa Fernandes (PUC/SP)**. Youtube, 14 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fbuav8NDf4> Acessado em: 19 de abril de 2020.

^{XX} RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

^{XXI} GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006

^{XXII} GREEN, James. **A luta pela igualdade: desejos homossexualidade e a esquerda na América Latina**. In: Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. 18/19, p. 13-45, 2003. GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000

^{XXIII} OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Iconografias sarcásticas na imprensa feminista brasileira: mulherio e chanacomchana (1981-1985)**. Domínios da Imagem, Londrina, v. 11, n. 21, p. 67-92, jul./dez. 2017.

^{XXIV} Boletim ChanaComChana. ed. 1. dez. 1982.

^{XXV} BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira de Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 160p.

^{XXVI} Idem.^{xxvi}

^{XXVII} Grupo lésbico Feminista (LF) Primeiro grupo de lésbicas organizadas que ajudaram a fundar o jornal ChanaComChana.

^{XXVIII} FERNANDES, Marisa. **Ditadura e Homossexualidade: Marisa Fernandes (PUC/SP)**. Youtube, 14 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fbuav8NDf4> Acessado em: 19 de abril de 2020.

^{XXIX} BENJAMIN, Walter. **"Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas I**. 3a Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987;

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

^{xxx} MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais.** Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 50-75, mai./ago. 2020.

^{xxxI} IRE, Binah; SILVA, Camila Dias; LENZI, Maria Helena. **Ser Lésbica na ditadura: vida e militância sob estado de exceção.** in: WOLF, Cistina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina (org.) Mulheres de Luta: Feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985). Curitiba: Appris Editora, 2019

^{xxxII} LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

^{xxxIII} SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso – A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 23.

Referências

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico.** 2007. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-22072009-182433. Acesso em: 2022-09-28.

Boletim ChanaComChana. ed. 1. dez. 1982.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador.** Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira de Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 160p.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. *Varia Historia*, v. 36, p. 859-888, 2020.

BENJAMIN, Walter. **“Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura –Obras Escolhidas I.** 3aEdição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **ANTIFEMINISMO E RESSENTIMENTO: AS MULHERES NO O PASQUIM.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

FERNANDES, Marisa. **Ditadura e Homossexualidade: Marisa Fernandes (PUC/SP).** Youtube, 14 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fbuav8NDf4> Acessado em: 19 de abril de 2020.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma.** In: Revista Domínios da Imagem, número 02, maio de 2008, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980).** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

GREEN, James. **A luta pela igualdade: desejos homossexualidade e a esquerda na América Latina.** In: Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. 18/19, p. 13-45, 2003.

AS REPRESENTAÇÕES DO HUMOR GRÁFICO LÉSBICO USADO NAS PÁGINAS DO
CHANACOMCHANA
SOUZA, K. A. P.

GREEN, James N. Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa. Editora Scritta. 1991.

MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Chanacomchana bambém é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais**. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 50-75, mai./ago. 2020.

MACRAE, Edward. **A construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da “Abertura”**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Iconografias sarcásticas na imprensa feminista brasileira: mulherio e chanacomchana (1981-1985)**. Domínios da Imagem, Londrina, v. 11, n. 21, p. 67-92, jul./dez. 2017.

QUINALHA, Renan. **CONTRA A MORAL E OS BONS COSTUMES: a ditadura e a repressão á comunidade lgbt. 1ªED**. Companhia das Letras, 2021.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? Estudos Linguísticos, São Paulo, n. 38, 2009.